

O DESPERTAR DOS CONTOS DE FADAS DENTRO DE CADA UM DE NÓS

RUDA, Juliana (Egressa de Psicologia/UNIBRASIL).

Compreendendo-se que os contos de fadas são expressões autônomas da psique e que espelham os mais variados temas universais da vida do homem, tem-se como intuito, neste resumo, apontar essas considerações com base na Psicologia Analítica. Os Contos de Fadas são histórias universais que permeiam há muito e muito tempo a vida do ser humano. Embora, atualmente, sejam histórias destinadas às crianças, seus enredos originais direcionavam-se aos adultos. “Era uma vez...”, é uma das frases iniciais mais famosas das histórias de fadas, e não é por pura coincidência, diga-se de passagem. Afinal, se pararmos para pensar quantos “era uma vez” já não vivenciamos em nossas vidas? Os contos continuam vivos e não perdem a sua força, justamente para nos auxiliar a lembrar quem somos, justamente para nos reconectar com a nossa essência, justamente para despertar em nosso interior aquilo que ficou esquecido e até mesmo escondido.

Palavras-chave: contos de fadas; despertar; Jung; psicologia; psicologia analítica; psique.

Contos de fadas, histórias que fascinam, encantam, incitam curiosidade e despertam as mais variadas e belas potencialidades do ser humano. Os contos são enredos antigos, que perpassam o tempo. Fizeram parte da vida de nossos tataravós, bisavós, avós, pais, tios e tias; fizeram parte da vida de tantos outros antes destes. Não há quem não tenha uma história para contar sobre essas histórias - salvo raríssimas exceções - ou um conto que marcou a sua infância de maneira positiva ou negativa.

Os contos de fadas são atemporais, eles brincam no tempo, nascem e renascem a todo instante, igual à ave mitológica Fênix. Por isso é difícil mensurar uma data de origem dessas histórias, uma vez que cada estudioso parte de uma opinião diferente. Entretanto, uma das ideias mais confiáveis é de que o primeiro conto foi um conto egípcio chamado “Irmãos” datado de 1.200 a.C¹. Os contos são patrimônio mundial, pertencem a todos e ao mesmo tempo a ninguém; passam de geração a geração e possuem variações e semelhanças nas mais remotas civilizações. Eles abarcam representações de acontecimentos psíquicos individuais

¹ DIECKMANN, Hans. **Contos de fada vivos**. São Paulo: Paulinas, 1986. p.43.

e coletivos, com uma linguagem universal compreendida por todos, independente da idade, raça ou cultura.

Essas histórias são de grande valia para diversas áreas de estudo, dentre elas a Psicologia. A Psicologia Analítica, ou também conhecida como Psicologia Junguiana, é uma das abordagens teóricas da Psicologia que se aprofunda, com maestria, nessa temática. Como mencionado no parágrafo acima, esses enredos são atemporais, passam de geração a geração, de cultura para cultura, não perdendo a sua força na transição do tempo. Sendo assim, continuam atuais nos dias de hoje, encantando e reencantando a todos. Não é a toa que eles têm se renovado e resignificado nas mais diversas adaptações cinematográficas e literárias, tornando-se, dessa maneira, recorrentes na vida de todos.

Segundo Jung, fundador da Psicologia Analítica, é através dos contos de fadas que se pode estudar a anatomia comparada da psique. Isto é, ao olhar para os contos de fadas, estamos olhando para a psique humana. Ou, melhor dizendo, os contos são o nosso espelho! Ao ler e escutar um conto, por exemplo, estamos, na verdade, olhando para nós mesmos, para a nossa totalidade, para o nosso reflexo. Nas linhas dessas narrativas, a cada deslizar dos olhos por suas palavras e por seus conteúdos mágicos e fantásticos, a psique humana faz-se presente. Ela (psique) está ali, inteira, total e completa, somente esperando para ser desbravada por seus leitores fiéis e assíduos. Nessas histórias é possível encontrar, em termos psicológicos junguianos, o ego, a *persona*, a sombra, os complexos, os arquétipos, o *Self* (Si-mesmo), entre outros. Os quais são representados impecavelmente pelos personagens, animais, paisagens e passagens dessas compilações atemporais.

Os contos de fadas retratam temas universais presentes tanto no cotidiano quanto no desenrolar da vida humana, como: medo, amor, angústia, ansiedade, inveja, traição, rejeição, coragem, decisões a serem tomadas, autonomia, nascimento, morte, amadurecimento, sexualidade, sobrevivência, relacionamento, miséria, fome, luz, trevas (sombra), bem, mal, esperança, entre outros. Por isso, a relevância de trabalhar com os contos de fadas também no *setting* terapêutico, uma vez que esses enredos espelham as fases típicas da psique humana. Como diz Dieckmann, “[...] todas as personagens, atos e animais, que aparecem no conto, representam situações e símbolos de sentimentos da alma, impulsos, atitudes, modos de experiência e ambições. De certo modo o conto de fada é um sonho, o

qual, como diz Jung, “é aquele teatro onde o sonhador é cena, ator, ponto, diretor, autor, público e crítico”².

Os contos nos convidam a mergulhar na imensidão do nosso próprio ser, a sermos o protagonista ou o figurante da história, a sermos o herói e a heroína ou o vilão e a bruxa. O conto nos convida para um olhar atento ao nosso interior, nos auxiliando a (re)descobrir que em cada um de nós há uma parcela de herói e uma parcela de vilão, que cada um de nós é luz e sombra, bem e mal. Essas histórias dialogam genuinamente com a nossa alma, a fim de nos reconectar com nosso inconsciente, tornando-nos, assim, seres mais conscientes de nós mesmos.

Na Psicologia Junguiana preza-se pelo simbólico e, conseqüentemente, pela carga afetiva (arquétipo) que o primeiro desperta. Entende-se que os símbolos são inesgotáveis, de modo que, para cada pessoa, terão um significado diferente; eles são um mistério, paradoxais, racionais e irracionais, a união dos opostos. Clarificando esta ideia: enquanto para um dado indivíduo a história da Bela Adormecida é um enredo de amor, para outro pode caracterizar o despertar para a vida e a jovialidade. O que nos faz perguntar, portanto: E o que são as histórias de fadas sem o seu principal recheio, os simbolismos? As linhas desses enredos estão recheadas de imagens e magias misteriosas e sedutoras; estão recheadas de simbolismos e emoções. São com esses ingredientes que um conto pode possibilitar a identificação ou rejeição com um dado personagem; pode retratar aquilo que o indivíduo está passando ou já passou; pode resignificar experiências. Ler um conto de fadas específico no decorrer do processo psicoterapêutico auxilia no despertar de conteúdos tanto internos como externos, auxilia no despertar da criança interna, auxilia no despertar da alma.

Partindo-se da ideia de que os contos “têm origem nas camadas profundas do inconsciente, comuns à psique de todos os humanos”³, pode-se afirmar que o que essas histórias retratam está muito além do real, está imerso no inconsciente coletivo. Por isso que ao ler um conto afirmamos tê-lo compreendido e ao mesmo tempo não. Ele conversa com a nossa imensidão, nos dá direções e possíveis soluções para os desafios que estamos enfrentando. Contudo, a escolha para enfrentar ou não esses desafios deve partir de nós, somente de nós e de mais ninguém.

² Ibidem, p.18.

³ SILVEIRA, Nise. **Jung - vida e obra**. 7.ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1981. p.119.

O conto de fadas é semelhante às estações do ano, está a todo instante transitando e se transformando. E assim não é o nosso caminhar na estrada de tijolos amarelos da vida? Transitamos e transformamos. Transformamos tanto o nosso externo quanto o nosso interno. Nos reconectamos com nós mesmos. Despertamos para a vida. Despertamos para as mais variadas porções de nós mesmos. Despertamos para a vivência do “era uma vez” e “viveram felizes para sempre”, desde que tenhamos consciência de que esse final feliz desenvolve-se com base em nossas escolhas e decisões. Despertamos, por fim, a nossa alma! Uma história de fada, acima de tudo, retrata “[...] o ser humano se buscando e buscando o sentido de sua vida”⁴.

Acredita-se que os contos de fadas falam por si só, por isso são tão simbólicos e ao mesmo tempo tão simples e complexos. Eles despertam o homem para o contato com o seu ser mais íntimo. Eles são a expressão mais singela e pura do vir-a-ser. Que continuemos a vibrar e pulsar para essas histórias e nessas histórias. Que elas continuem a ser a nossa canção do universo, a canção da essência, a canção da alma, nos aproximando, assim, cada vez mais da nossa totalidade e do nosso despertar.

BONAVENTURE, Jette. **O que conta o conto?**. 5. Ed. São Paulo: Paulus, 2008.

DIECKMANN, Hans. **Contos de fada vividos**. São Paulo: Paulinas, 1986.

JUNG *apud* FRANZ, Marie-Louise von. **A interpretação dos contos de fada**. 8.ed. São Paulo: Paulinas, 2012.

SILVEIRA, Nise. **Jung - vida e obra**. 7.ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1981.

⁴ BONAVENTURE, Jette. **O que conta o conto?**. 5. Ed. São Paulo: Paulus, 2008. p.19.